

O OVO DA SERPENTE

SILVIA ALEGRE*

[Livro: TCACH, César. *De la Revolución Libertadora al Cordobazo. Córdoba, el rostro anticipado del país*. Buenos Aires. Siglo Veintiuno Editores, 2012. 261 p.]

Pode ter acontecido com um dos leitores em visita à cidade de Buenos Aires que algum portenho, com ironia característica, tenha proferido uma frase que já virou parte do folclore da capital do país vizinho: “A Argentina termina na Av. General Paz.”¹ Um dos méritos do livro do historiador César Tcach é precisamente desmentir esta afirmativa no relato minucioso da intensa vida política e social da cidade de Córdoba, capital da província homônima, localizada na região central do território argentino. A obra trata de período pouco conhecido entre o público brasileiro da história relativamente recente daquele país: o interregno entre a queda de Perón em 16 de setembro de 1955 e os movimentos prévios ao levantamento popular conhecido como *Cordobazo*, acontecido em maio de 1969, cuja consequência imediata foi a desestabilização e posterior queda do presidente militar em exercício. Em visão retrospectiva, a revolta da população cordobesa foi o ponto de partida para um processo de mobilização dos setores populares que conduziria ao retorno da democracia em 1973.

O período sobre o qual o livro se debruça (1955-1969) foi, precisamente, aquele no qual o fechamento dos canais democráticos de acesso ao governo e a progressiva supressão da cidadania da sociedade argentina levaram a uma intensificação da violência que alcançaria seu ponto mais alto na década seguinte. Foi nos anos 1970 que a Argentina conheceu o grau mais elevado de coerção política na sua história moderna produto de um processo que chegou ao seu auge no golpe militar de março de 1976 e na ditadura que se seguiu, tristemente famosa pela sua brutalidade repressiva, mas sobre tudo pela enorme atividade dos organismos de direitos humanos que levaram a conhecimento público a perversidade e a extensão de sua ação na eliminação de seus opositores.

O cenário da pesquisa de Tcach, como dizemos, é a cidade de Córdoba, cujas características particulares fizeram dela o local de expressão das contradições que tomavam conta do momento. Uma Igreja Católica com grande influência política e social, uma forte presença da União Cívica Radical (principal partido de oposição ao peronismo) e uma elite decadente com gana de protagonismo, configuravam os rasgos da “cidade antiga”. Some-se a eles, a partir dos anos 1960, um desenvolvimento acelerado do capitalismo apoiado na indústria automobilística, origem de profundas mudanças na sua estrutura social, e estão dadas as condições para imprimir um grande antagonismo ao período em questão.

Córdoba sugeriu diversas metáforas a partir de sua história política durante o século XX, entre elas a de ser “rosto antecipado do país” como reza o subtítulo do livro de Tcach. A inspiração inicial dessa imagem foi a Reforma Universitária, em 1918, quando a cidade foi berço do movimento que acabou por conseguir a autonomia e a condução democrática das universidades nacionais. Na segunda metade do século XX a ideia da cidade ser local de manifestação prévia de acontecimentos

que depois tomaram extensão nacional, faz referência à insurreição popular conhecida como Cordobazo que acabou se multiplicando em outras rebeliões populares pelo país. Em termos mais abrangentes, o sentido remete a ter sido o local e o momento em que começou a se gestar a violência política que se intensificaria até o breve lapso democrático de 1973/74 para retomar o ritmo cada vez mais acelerado a partir deste último ano e culminar no golpe militar de março de 1976 e na feroz ditadura instaurada a partir de então. Era em Córdoba que a serpente chocava seu ovo.

Em setembro de 1955, em meio a uma crise econômica que diminuiu a sua capacidade distributiva e agudizou as tensões sociais, o segundo governo de Juan Domingo Perón foi derrubado por um golpe militar que se autodenominou “Revolução Libertadora”. Córdoba comemorou a deposição do governo chegando a ser nomeada “a capital do antiperonismo”. À sua longa tradição radical se uniu o vínculo estreito que as principais figuras militares que assumiram o poder após o golpe tinham com a província. A missão da Revolução Libertadora era extirpar o peronismo da sociedade argentina e para tanto não foram poupadas proibições e perseguições.

Durante o período de quatorze anos coberto pela obra de Tcach houve dois presidentes eleitos democraticamente, ambos derrubados por respectivos golpes militares, em 1962 e 1966. Na província de Córdoba, nesse período, apenas cinco anos foram de governos exercidos por autoridades eleitas pelo voto popular. No restante do tempo, outros personagens pleiteavam o espaço de decisão e condução institucional com os legisladores e os partidos: o exército, a igreja e os empresários. Em torno de 1963, em um processo de radicalização conservadora, a Igreja católica e os militares avançaram também para o âmbito da cultura e da educação promovendo uma “limpeza ideológica na docência e na administração pública.” Este movimento de usurpação do poder,

articulado com uma crescente militarização da política conduziu ao que o autor chama de “processo constitutivo de uma normalidade violenta.” O surgimento de uma grande massa de operários e o acesso a bens materiais e culturais de uma classe média em expansão que demandava espaço de participação e alargamento de direitos, tornavam latente o conflito social, que era agudizado pela ausência de canais de resolução institucional dada a intervenção nos três poderes durante grande parte destes anos.

Do ponto de vista econômico o período de 1955 a 1966 foi de grande instabilidade, com crises periódicas que eram resolvidas pela desvalorização da moeda, e grande conflito de interesses entre as classes, que na perspectiva dos olhares mais conservadores, eram deixados sem resolução por inoperância dos governos de turno. O golpe de 1966, que adotou a denominação de “Revolução Argentina” veio para colocar um fim a esta situação. Ao explicar as motivações para o golpe militar de 1966, César Tcach segue o rumo de outro autor argentino, o cientista político Guillermo O’Donnell para quem a intervenção militar teria sido uma reação ao aumento da capacidade de articulação de demandas da classe trabalhadora percebida pelas classes dominantes como uma barreira para o desenvolvimento da economia a ponto de afetar as porcentagens de acumulação de capital.

O regime militar que se estabeleceu após o golpe que, em 1966, derrubou o governo constitucional, aplicou uma política econômica de favorecimento dos interesses do grande capital, promoveu a entrada de divisas estrangeiras e prejudicou os setores populares. Tratava-se do quinto golpe militar na Argentina durante o século XX e diferentemente dos anteriores, que se apresentavam como uma tentativa de normalização e controle das tensões seguida de uma rápida devolução do poder aos civis, desta vez os militares, desde seu discurso de posse, declararam aos argentinos a intenção de permanecer muito tempo no

poder dada a necessidade de tomar nas suas próprias mãos a condução dos rumos da nação.

Ideologicamente o regime militar instaurado em 1966 estava estreitamente alinhado com a hierarquia católica e seu perfil, claramente autoritário, foi progressivamente desenvolvendo a oposição dos mesmos setores médios que o tinham apoiado. Teve início um intenso processo de resistência social, em uma reação contrária à que o governo esperava obter com o endurecimento da postura autoritária. Fechados os tradicionais canais de expressão, setores da população encontravam formas alternativas de manifestação e reclamação que foram adquirindo um grau crescente de violência. Isto acontecia não somente com os trabalhadores, mas também com os setores médios urbanos. A supressão de toda atividade política, a intervenção das universidades, a censura e a repressão de toda manifestação contrária às ideias do governo levou, em um intenso processo de politização da sociedade, ao fim do tradicional divorcio entre setores da classe média e o peronismo, cuja cara mudou com o ingresso destes novos aderentes. As organizações sociais do movimento peronista tiveram grande crescimento, assim como todos os outros agrupamentos de esquerda.

Antigas estruturas estavam sendo questionadas. Em momento prévio à explosão do *Cordobazo*, percebe-se nos discursos das autoridades universitárias a preocupação com a postura dos estudantes interpretada como de desprezo pelos valores tradicionais da família, a escola ou o local de trabalho, tendência insuportável para as classes dominantes entre as quais “latia o medo que gerava a irrupção de condutas – rebeldias, desordens, indisciplina laboral, que estavam longe de se ajustar à reprodução naturalizada das relações sociais de dominação capitalista.” Dito de outra forma, medo do que configurava uma crise de dominação social caracterizada pelo questionamento às relações hierárquicas e/ ou de autoridade em todos os âmbitos da vida social.

O endurecimento por parte dos militares foi elevando também o nível de violência no campo popular. As manobras de coerção não provinham somente dos setores militares como também dos grandes grupos econômicos e da burguesia nacional e estrangeira que foram suprimindo direitos e conquistas da classe trabalhadora (como o meio período de trabalho no sábado) e promovendo o arrocho dos salários. Antigas disputas e diferenças do campo popular se anularam na luta contra um inimigo comum e maior. A luta contra a ditadura suavizava as diferenças entre marxistas e católicos de esquerda, assim como aproximava estudantes e trabalhadores sendo erguida como símbolo desta união a figura do estudante e operário Santiago Pampillon, morto pela polícia durante uma manifestação de protesto no centro da cidade de Córdoba em setembro de 1966.

Este é outro mérito do livro de Tcach: mostrar que existia vida política fora do peronismo, no campo popular argentino nos anos 1960. O aparecimento de novas formas de luta mostrava o avanço paulatino, mas firme de “um bloco social e político de oposição(...) em torno de um eixo comum, a luta contra a ditadura” que teria sido – e não a reivindicação pela volta do líder peronista exilado – de acordo com análise do historiador, o que permitiu construir a união de diferentes tendências do peronismo, dos partidos tradicionais e da esquerda revolucionária, presença crescente nos principais sindicatos e no movimento estudantil.

O livro, mesmo que a sua leitura exija um conhecimento anterior dos eventos principais da história argentina no século XX, e que em algumas oportunidades seja um tanto excessivo no fornecimento de detalhes e referências nominais, tem o mérito de ir construindo uma narrativa em crescente tensão que permite entender com clareza o clima social e político da época.

Ao leitor brasileiro, familiarizado com os acontecimentos do Brasil entre o suicídio de Getúlio Vargas em 1954 e o golpe militar de 1964, surpreende a quantidade de pontos comuns entre a história dos dois países nos anos que antecederam ambas ditaduras. É sempre interessante pensar o Brasil em uma perspectiva integrada à história da América do Sul dado que permite perceber quanto os interesses ligados à ordem mundial capitalista influenciaram os assuntos internos das duas nações. Em qualquer caso a história contada pelo livro contribui para a compreensão de alguns dos mais complexos e persistentes aspectos do autoritarismo no nosso continente.

Notas

* Mestranda da PUC-SP. Bolsista CNPq. Título da tese: O tráfico de andaluzes para o café. Cafeicultores paulistas no negócio de atração e transporte de imigrantes (1886-1918). Orientador: Profa Dra. Maria Odila Leite da Silva Dias. E-mail: sil.elena@uol.com.br

¹ A Avenida General Paz é uma grande via de que conforma a maior parte do limite entre a cidade de Buenos Aires, capital da Argentina, e a província do mesmo nome.

Data de envio: 29/06/2013

Data de aceite: 04/07/2013